

# Semearam ventos...

Otávio Tirso de Andrade

**A**gora é tarde para reduzirem a agressão ao Presidente da República à presença de um paranóico no meio da multidão. O episódio não é da mesma natureza daquele em que Ronald Reagan foi gravemente ferido por um garoto doido. O "picaretaço" do Paço Imperial insere-se no processo de gradativa deterioração da ordem — em todos os seus aspectos, inclusive os morais — que se vem acentuando com o rápido apodrecimento da república da Aliança Democrática.

Antes de prosseguir, apressemo-nos a juntar a nossa manifestação de solidariedade a outras de que foi objeto o sr. José Sarney, após a afronta. Acrescentemos que o seu comportamento diante da canalha ensandecida distinguu-se por coragem e compostura exemplares. O político maranhense alçado casualmente à Presidência da República terá vivido, talvez, um dos mais graves momentos de sua carreira, ao mostrar-se digno e impassível diante da raiva que encharcava os populares e refluía de um indivíduo ao outro — à volta do ônibus indefeso — em gritos, gestos e ação!

Mas a conduta pessoal do Presidente é uma cousa e a condução dos negócios públicos é outra muito mais complexa. A primeira foi modelar, diante da mazorca. Quanto à ação do governo, desde quando instaurado, é impossível dissociá-la das causas substantivas da anarquia que se propaga. A demagogia é um instrumento desvalioso, improficuo no combate à inflação. Os que a empregam se iludem com a atroada que provocam e geralmente sucumbem por falta de caráter, isto é, por não terem uma personalidade suficientemente nitida aos olhos da opinião pública.

No momento em que soltaram os *fiscais de Sarney* contra comerciantes, deram um largo passo no caminho que tem ao fim a destruição da propriedade privada. A atitude oportunista do chefe de Estado foi muito bem aproveitada pelos subversivos, os quais têm sempre presente que a Revolução — com R maiúsculo — é uma prática diuturna de ódio. Os *fiscais de Sarney* foram inócuos na contenção de preços. Todavia mostraram-se utilíssimos como promotores de conflitos.

Os totalitários esquerdistas auto-intitulados "progressistas", infiltrados no governo e nos meios de comunicação oficiais — vejam certos programas da TVE — estão perfeitamente conscientes de que a Revolução não é uma simples mudança de regime: o que propugnam é a completa alteração na concepção do homem e da sociedade. Os subversivos consideram *que lá révolution joue aujourd'hui le rôle que jouai autrefois la vie éternelle* — como dizia André Malraux quando namorava o comunismo.

A indiferença do governo — ou será o temor? — diante da propagação do "progressismo" subversivo tem facilitado a atividade da numerosa ala marxista do clero católico. A apatia com que as autoridades federais e estaduais assistiram a um prócer destacado do Partido Clerical Revolucionário, o frade Boff, comandar a invasão de um conjunto residencial em Petrópolis, no Estado do Rio, é de molde a insuflar ações revolucionárias idênticas, por parte das "comunidades de base" — dos "soviets" — já disseminados em todo o território nacional. Também não é de natureza a fortalecer a convicção na coerência que deve existir entre os principais responsáveis pela manutenção da ordem interna a cena proporcionada por oficiais-generais da Escola Superior de Guerra ao saírem do recinto de conferências da instituição, às risadas, "bras-dessus bras-dessous" com o deputado petista Lula, após ouvi-lo manifestar críticas veementes à ordem vigente. A direção da ESG deveria ter-se portado em relação ao representante paulista tal como se conduz com os demais conferencistas: com austeridade cordialidade.

A realimentação do jacobinismo é outro componente da propagação da desordem, porque o totalitaris-

mo é uma tentação constante do nacionalismo exacerbado. Na hora em que se procura elaborar nova Constituição a xenofobia se constituirá em obstáculo talvez intransponível à instauração da democracia no Brasil. Ao procurar unidade e permanência o jacobinismo, o nacionalismo retrógrado, a xenofobia, enfim, tentam manter em temperatura elevada o ódio contra "inimigos externos" — as "multinacionais", o "FMI", etc — e nessa evolução tornam-se caudatários de partidos e regimes autoritários.

Outra causa entre as mais importantes na criação do ambiente propício aos agitadores revolucionários é a desilusão popular com o fracasso de medidas anunciadas com estardalhaço. A crise acentua-se gradativamente porque o governo não interrompe a sua atividade megalomaniaca. Aprisionados em promessas e pressionados pelas clientelas políticas os administradores desandam a tomar providências incessantes e sucessivas totalmente cegos aos respectivos custos e conseqüências. No momento em que o fracasso dos "pacotes" salvadores joga a patuléia na rua às notas oficiais com que os governantes procuram interpretar os acontecimentos refletem perplexidade e presunção, quando não a mais chapada ignorância. A ineficácia na repressão aos desfalques ao patrimônio público, nas múltiplas formas engendradas por concussionários filauciosos, aduz mais lenha à fogueira que os profissionais da violência organizada se esforçam por tornar crepitante.

"As revoluções são as locomotivas da História" escreveu Karl Marx em seu ensaio *As lutas de classe na França: 1848/1850*. Tendo presente o dogma marxista, os revolucionários adulados e favorecidos pelo governo em suas atitudes demagógicas e oportunistas prosseguem, incansáveis, o trabalho que visa "a expropriação dos expropriadores", a qual consiste, como esclareceu Lenine em *O Estado e a Revolução*, na transformação da propriedade privada capitalista dos meios de produção em "propriedade social" (em feudo da Nomenklatura, mostrou-nos a História). A sinistra tarefa subversiva só estará concluída quando for finalmente *quebrada a máquina burocrática militar* (Karl Marx: *Cartas a Kugelmann*. Edição francesa da ESI). Nessas poucas palavras — acrescenta Lenine (ob. cit.) exprime-se "a principal lição do marxismo quanto às tarefas do proletariado em relação ao Estado no decorrer da Revolução".

Ao contemplarmos a ampliação assustadora das badernas nas cidades brasileiras constatamos nela a presença do fermento revolucionário autêntico, que as minorias marxistas disseminam com incurável coerência. A presença de um paranóico ou a de um "trombadinha" na turba desvairada não reduz à dimensão meramente policial conflitos autenticamente político-revolucionários.

O que temos diante de nós é uma crise da maior gravidade. Tal como a que Karl Marx viu na França de 1848 e cujas etapas sintetizou de forma admirável: "O 25 de fevereiro de 1848 outorgou a república à França. O 25 de junho impôs-lhe a revolução. Após junho a revolução queria dizer: *subversão da sociedade burguesa*. Até fevereiro havia significado: *desmoronamento da forma do Estado* (Marx. Ob. cit. Introdução ao capítulo II. Os grifos no texto são de Marx).

Entenderam? Caso Marx não tenha sido suficiente para mostrar bem o que está a acontecer aqui, recorramos ao lúcido Paul Valéry: "A crise é a passagem de certo regime de funcionamento a um outro qualquer; passagem que sinais e sintomas tornam perceptível. No transcurso da crise o tempo dá a impressão de mudar de natureza. O lapso em que perduram as cousas não é notado como ordinariamente: em vez de medir a perenidade afere a variação. Toda crise implica a intervenção de causas novas que perturbam o equilíbrio móvel ou imóvel anteriormente existente" (Paul Valéry: *Essais Quasi Politiques*. Ed. Pleiade).

E agora, José? E agora, Ulysses? E agora, Leônidas?